

<http://dx.doi.org/10.21714/19-82-25372017v11n3p220>

A Formação de Novos Empreendedores: natureza da aprendizagem e educação empreendedoras.

Ricardo Schaefer

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
ricardoschaefer@libero.it

Ítalo Fernando Minello

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
minelloif@gmail.com

recebido em 31 de maio de 2017
aprovado em 23 de agosto de 2017

Resumo: O interesse pela aprendizagem e educação empreendedoras cresceu significativamente na última década, estimulando novas formas de pensar sobre o indivíduo empreendedor e o papel do ensino no seu desenvolvimento. Enquanto a formação universitária tradicional transfere conhecimentos e saberes, a formação empreendedora busca desenvolver o “saber ser”, o “aprender a aprender”, o “saber tornar-se” e o “saber passar à ação”, evocando novas formas de relação e interação dos elementos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Mais do que criar e realizar uma “educação em empreendedorismo” ou uma “educação para o empreendedorismo”, como se buscou no passado, é preciso desenvolver uma “educação empreendedora”. Com base nessas constatações, este artigo de desenvolvimento teórico tem o intuito de analisar a natureza da aprendizagem e educação empreendedoras, reunindo e confrontando entendimentos sobre as suas características e especificidades a fim de se melhor compreender o ser empreendedor e seu processo de formação. A compreensão da natureza empreendedora e de como se manifesta o ser empreendedor pode nortear as ações a serem realizadas com o propósito de se criar ambientes e sujeitos empreendedores, partindo-se de uma proposta de educação empreendedora.

Palavras-chave: ser empreendedor, educação empreendedora, aprendizagem empreendedora, indivíduo empreendedor, empreendedorismo.

1 Introdução

O aprimoramento do espírito empreendedor tem sido colocado, não apenas no Brasil, mas em diversos países do mundo, como prioritário nas agendas e debates políticos, econômicos e acadêmicos, haja vista a comprovada influência que o mesmo exerce no desenvolvimento social e econômico de uma nação (TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014). Nesse processo, a educação empreendedora é apontada como uma das formas mais eficientes de se criar e divulgar a cultura empreendedora e a formação de novos empreendedores (ROCHA; FREITAS, 2014).



O interesse pela aprendizagem e educação empreendedoras cresceu significativamente na última década e várias razões são apontadas para esse fato. Dentre elas, está a constatação de que a formação empreendedora contribui para o surgimento de novas empresas, para a criação de novos postos de trabalho e para o desenvolvimento da inovação nas organizações em geral (GUERRA; GRAZZOTIN, 2010; LANERO et al., 2011; LIMA et. al., 2015b). Tal crescimento pode estimular o engajamento e a inovação de formas de pensar sobre a atividade empreendedora e sua influência nesse processo evolutivo, proporcionando novas formas de criação e disseminação do conhecimento, sendo as universidades um ambiente propício para a criação de uma cultura empreendedora.

Para que esses resultados sejam alcançados, o desenvolvimento e disseminação da cultura empreendedora, segundo Dolabela (2008), se dá a partir da universidade, “por sua força de propagação e porque tem o poder de ‘oficializar’ o empreendedorismo como um conteúdo de conhecimento” (DOLABELA, 2008, p. 45). Tschá e Cruz Neto (2014) ressaltam que as universidades contribuem para o desenvolvimento da “cultura empreendedora” por meio de uma “educação empreendedora”, que incentive tanto professores quanto alunos “a despertarem dentro de si o espírito empreendedor e a explorarem o espaço potencial para o empreendedorismo, transformando realidades por meio dos empreendimentos que podem desenvolver economicamente e socialmente um país e uma sociedade” (TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014, p. 66).

Filion e Lima (2010) também destacam que o sujeito empreendedor deve ser preparado para a ação e que suas características e necessidades de formação exigem particularidades no sistema de ensino voltado à ação empreendedora. Os autores explicam que, em geral, a formação universitária transfere saberes, em especial o “saber fazer” (*know-how*), ao passo que a formação empreendedora “deve buscar desenvolver o saber ser, o saber tornar-se e o saber passar à ação” (FILION, LIMA, 2010, p. 46). Essas diferenças e especificidades da educação empreendedora em relação à educação tradicional têm levado à criação de novas práticas e modelos pedagógicos que permitam o desenvolvimento de habilidades e competências próprias do empreendedor (SCHAEFER, MINELLO, 2016).

Dolabela (2008) explicita essa diferença entre a formação tradicional e a formação empreendedora, afirmando que a educação empreendedora evoca novas formas de aprendizado e novas formas de relacionamento. Para o autor, ser empreendedor não é apenas uma questão de acúmulo de conhecimentos, mas a introjeção e o desenvolvimento de valores, atitudes, comportamentos, modos de percepção de si mesmo e do mundo voltados à capacidade de inovar, de correr riscos, de conviver com a incerteza e perseverar. Essas características são evoluídas na visão de Minello (2014), que entende o empreendedor como “o indivíduo que desenvolve algo inovador, tem iniciativa, capacidade de organizar e reorganizar mecanismos sociais e econômicos a fim de transformar recursos e situações para proveito prático e aceita o risco ou o fracasso de suas ações” (MINELLO, 2014, p. 74).

Para se desenvolver ou potencializar essas características do comportamento empreendedor, é importante uma nova forma de educação, diferente da tradicional, com novos pressupostos e práticas didático-pedagógicas. Mais do que criar e realizar uma “educação em empreendedorismo” ou uma “educação para o empreendedorismo” é necessário desenvolver uma “educação empreendedora” (MENDES, 2011, p. 6). Dolabela e Filion (2013, p. 136) apontam para “a necessidade de uma abordagem revolucionária de aprendizagem”, que desenvolva o indivíduo empreendedor e, como consequência, provoque mudança na ordem social.

Esse resultado pode ser possível, visto que essa nova abordagem é voltada não apenas ao aluno que tem a intenção de abrir a própria empresa como empreendedor individual, mas a todos os futuros profissionais, de diferentes áreas, que desempenhem suas atividades e profissões – de modo individual ou dentro de organizações – com valores, atitudes e



comportamentos empreendedores. Lima et. al. (2015b) destacam que mesmo que não queiram ter um negócio próprio, os estudantes podem ser beneficiados em sua formação com o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades propícias à atividade empreendedora. “A premissa de que a educação não é apenas geradora de aprendizagem para se empreender, mas, sobretudo, para o pensamento criativo, a geração de inovações e o crescimento do senso de autoestima e de responsabilidade faz com que seja vista como ainda mais necessária nas instituições de ensino superior” (LIMA et. al., 2015b, p.421).

Diante do processo de construção do conhecimento, Ribas (2011) aponta que existem características particulares para a formação empreendedora que se diferenciam das estruturas de ensino pensadas para a reprodução de conteúdo e especialização dos alunos presentes na maioria dos currículos das instituições superiores de ensino e dos programas de capacitação profissional. No que se refere à atividade empreendedora, Barini Filho (2008) descreve que são necessárias adaptações nas bases conceituais da educação formal, direcionando os estudantes para um pensamento interdisciplinar, que resulte em um sensível aumento de egressos com características empreendedoras. Para tanto, o papel dos educadores “deveria ser repensado, abandonando a abordagem disciplinar por uma visão sistêmica, que iria contribuir para a formação de seres humanos mais críticos, contributivos e tolerantes” (BARINI FILHO, 2008, p. 37).

A compreensão da natureza empreendedora e de como se manifesta o ser empreendedor pode nortear as ações a serem realizadas com o propósito de criar programas, ambientes e sujeitos empreendedores, partindo-se de uma proposta de educação empreendedora (ROCHA; FREITAS, 2014). O comportamento humano, e por consequência o comportamento empreendedor, é por definição aberto, demonstrável, plástico e, por meio de estratégias de ensino, por exemplo, processos podem ser desenhados, treinados e internalizados.

A educação empreendedora é hoje apontada como um dos principais instrumentos para se formar novos empreendedores e difundir a cultura empreendedora. O tema tem despertado interesse pelas especificidades dessa proposta de ensino e as pesquisas sobre educação empreendedora têm crescido nos últimos anos, abrindo espaço para novos estudos teóricos e empíricos. Com base nessas constatações, este artigo de desenvolvimento teórico tem o intuito de analisar a natureza da aprendizagem e educação empreendedoras, descrevendo o processo de formação e desenvolvimento de novos empreendedores.

2 O Processo da Aprendizagem Empreendedora

A aprendizagem é a base da modificação do comportamento humano. É a aprendizagem – o que se aprende e o como se aprende – que determina os conhecimentos e as habilidades de um indivíduo. Inicialmente determinada por características genéticas, e posteriormente pela quantidade e qualidade dos estímulos e experiências com a realidade, a aprendizagem leva a pessoa a assimilar e acomodar o meio que a circunda e também a si mesma. São estratégias de aprendizagem influenciadas por fatores internos (desenvolvimento e maturação) e por fatores externos (meio ambiente, valores, juízos e crenças) que formam e moldam a identidade pessoal, determinando o modo de ser e de agir de cada pessoa (SANTOS, 2004).

Santos (2004) explica que diariamente é possível obter um novo conceito, uma nova expressão de linguagem, um novo conhecimento. O que se assimila e se extrai do mundo e que de algum modo serviu para a própria sobrevivência e adaptação, auxilia o indivíduo a fim de reter mais e mais impressões do meio. Quando esses dados colhidos pela percepção modificam de maneira estruturada os comportamentos, podemos dizer que se aprendeu algo. Essa aprendizagem pode ocorrer de diferentes formas: por observação, pela experiência, pela imitação, pelo treino etc.

Portanto, a aprendizagem é um processo de construção do conhecimento de si, do mundo circunstante, das pessoas e das coisas, provocado por uma necessidade que visa um objetivo,



que gera uma ação e que acarreta em uma mudança de comportamento. Nesse sentido, Santos (2004) descreve a aprendizagem como um processo cíclico, integrativo, pessoal, gradual e complexo. A autora complementa que o conhecimento é uma interpretação da realidade, em que se emprega não apenas a reflexão, mas sobretudo o sentimento, a intuição e a sensação.

Quando especificamos o processo de aprendizagem ao indivíduo empreendedor entramos na dimensão da aprendizagem empreendedora. Ramos (2015) destaca que pesquisas sobre a aprendizagem empreendedora estão em pleno desenvolvimento e novos e crescentes estudos têm sido publicados na literatura de diferentes áreas.

Leiva, Monge e Alegre (2014) descrevem a aprendizagem empreendedora como o processo desenvolvido por meio de ações, em que os indivíduos adquirem, assimilam e organizam conhecimentos obtidos a partir de estruturas existentes, construindo uma aprendizagem que influencia a ação empreendedora. Politis (2005) afirma que grande parte da aprendizagem empreendedora é, por natureza, experiencial. O autor explica que a aprendizagem por meio de experiências e vivências se trata de um processo complexo, impulsionado pelo comportamento do empreendedor, e que desempenha papel importante quando se procura compreender a sua aprendizagem.

Cope (2011) acrescenta que experiências descontínuas que ocorrem durante a atividade e trajetória empreendedora podem estimular diferentes formas e níveis elevados de aprendizagem. Minello (2014) e Ramos (2015) descrevem, por exemplo, a aprendizagem empreendedora que ocorre diante do insucesso empresarial e situações de descontinuidade do negócio, evidenciando esse processo.

Politis (2005) ressalta, entretanto, que é importante fazer uma distinção entre possuir experiência empreendedora e conhecimento empreendedor. Na visão do autor, experiência empreendedora é aquela vivenciada pelo empreendedor, constituída pela observação direta e pela participação em eventos associados à atividade empreendedora, como por exemplo a criação de um novo projeto ou empreendimento. Já o conhecimento empreendedor é o resultado prático e recolhido dessa experiência empreendedora, ou seja, o conhecimento adquirido de forma experiencial.

Leiva, Alegre e Monge (2014) descrevem três modos através dos quais a aprendizagem empreendedora pode ser adquirida (indireta, formal, e experimental), duas formas em que pode ser assimilada (por extensão e por intenção) e, por fim, a maneira com que é organizada. A aquisição indireta ocorre por meio da observação do comportamento e ações de outras pessoas, bem como de seus resultados, com aprovação ou desaprovação social. A aquisição formal, que ocorre de modo explícito e codificado, se dá quando o empreendedor consulta formalmente fontes, como livros, artigos, ou ainda por meio da educação formal ou treinamentos. Por fim a aquisição experimental se dá quando a experiência é figuradamente transformada em conhecimento.

Do ponto de vista cognitivo, Leiva, Monge e Alegre (2015) explicam que a assimilação se refere ao modo com que as pessoas processam e interpretam novas informações adquiridas, estabelecendo associações e significados com o conhecimento e as informações já presentes na memória. A assimilação ocorre por extensão quando o indivíduo assimila através da aplicação ativa de suas ideias ou conceitos ao mundo real, e se dá por intenção quando o processo acontece por reflexão interna. No que tange à organização, terceiro aspecto destacado pelos autores após a aquisição e assimilação, refere-se às estruturas mentais e conexões que são criadas na memória a partir das informações assimiladas estruturando novos conhecimentos ou reforçando conhecimentos previamente existentes (LEIVA; MONGE; ALEGRE, 2014).

Dolabela e Fillion (2013) complementam que o empreendedor aprende permanentemente por diversas razões. Em primeiro lugar, porque o conhecimento ou conceito de si é parte essencial do “saber ser” empreendedor e altera-se durante toda a vida. Esse processo implica em acompanhar e entender as constantes mutações do ego ou consciência do empreendedor,

que influenciarão profundamente a natureza dos seus sonhos e projetos, exigindo a redefinição das relações entre objetivo a ser atingido e tentativa de realização, assim como dos elementos de suporte necessários à realização. Por outro lado, o objeto do sonho é algo que depende da ação e também faz parte de uma realidade que sofre constantes transformações, impondo um aprendizado e conhecimento do ambiente que recomeça a cada dia. “Isso implica ciclos de resultados positivos e negativos, de sucessos e insucessos que marcam a vida dos empreendedores. Explica também por que os erros são uma das principais fontes de aprendizado do empreendedor” (DOLABELA; FILION, 2013, p. 162).

Investigando o processo de aprendizagem em estudantes, Filion e Lima (2010) destacam que raramente os alunos passam por níveis de ansiedade tão elevados quanto o que ocorre na formação de empreendedores, pois se veem continuamente na necessidade de tomar decisões sobre projetos e negócios que podem influenciar sobremaneira a própria vida e a de seus próximos. Esse processo de aprendizagem demanda categorias e modelos mentais que permitem refletir e organizar ações a partir do uso de recursos raros, o que não é buscado de modo frequente no ensino em outras áreas ou disciplinas.

Após essa primeira fase de aprendizagem, Filion e Lima (2010) acrescentam que o ator empreendedor atravessa fortes ciclos de reflexão e atividade que geram mudanças, frequentemente fundamentais, em seus modos de ser e se definir. A metanoia, ou seja, a mudança de mente que acompanha a aprendizagem, torna-se uma dimensão cotidiana da reflexão de muitos atores empreendedores. Esse processo ocorre principalmente ao longo dos meses que precedem a realização das atividades empreendedoras, e se acelera quando realmente passam a execução das atividades. “A redefinição de si e de seus espaços, assim como a resiliência vivida, provocam mudanças comumente significativas em seu modo de pensar. Os atores empreendedores devem, portanto, demonstrar muita flexibilidade para se adaptar a contextos sempre mutáveis. Não apenas eles enfrentam mudanças contínuas, mas são promotores quase permanentes de mudanças” (FILION, LIMA, 2010, p. 47).

Filion e Lima (2009, 2010) descrevem os elementos que compõem a aprendizagem empreendedora e suas interações em um formato de sistema. Para os autores, a aprendizagem é o processo que prepara e conduz à atividade empreendedora e um de seus elementos principais é o conceito de si, a forma com que o indivíduo se percebe, a estima que tem por si mesmo, o entendimento das próprias capacidades, sobre as quais se sustentarão o seu saber ser, o seu saber tornar-se e o seu processo de formação de visão.

Oliveira e Barbosa (2014) realizam uma síntese do entendimento de Filion e Lima (2010), explicando o conceitos-base e elementos conexos que influenciam na mentalidade e ação empreendedora. O “conceito de si” é dinâmico e constituído a partir dos modelos de referência, história pessoal, experiências vividas, educação, influenciadas pelo contexto social em que o indivíduo está inserido. Articulado ao conceito de si, e um dos elementos que sustentam a sua construção, está o “espaço de si”, descrito como o lugar, o espaço individual de cada pessoa. Os indivíduos crescem em um espaço de si recebido, com características do entorno sócio-histórico em que estão inseridos e que também determina a formação do conceito de si. Com o tempo e em função do contexto pessoal desejado e do seu saber tornar-se, os indivíduos em vias de se tornarem adultos revisam e reconstróem de forma gradual um novo espaço de si.

Filion e Lima (2010) acrescentam outros elementos e suas interações para explicar o que chamam de “sistema empreendedor”, ou sistema de atividade empreendedora, assim como os processos relativos à aprendizagem que tornam possível a realização da visão. Além do conceito de si e do espaço de si, para os autores é importante compreender a “organização de si” que conduz à expressão de um pensamento pautado pela visão e, em seguida, à “expressão empreendedora” que facilita a estruturação do sistema empreendedor. O estudo desses conceitos e interações conceituais auxilia também a compreender de que maneira o ator

empreendedor se liga a outras pessoas para estruturar e realizar seu processo empreendedor (FILION; LIMA, 2010). A figura a seguir ilustra a relação desses conceitos.

Figura 1 – Interações conceituais relativas à sustentação do sistema empreendedor



Fonte: (FILION; LIMA, 2010, p. 37)

Desse modo, é importante para o empreendedor entender os elementos que sustentam seu modo de perceber e entender a realidade. Para desenvolver sua visão do futuro, fator importante para o processo de empreender, o empreendedor “precisa exercitar-se, procurando entender a sua própria história, valores e os modelos resultantes do seu passado familiar, experiência profissional, educação, crenças e sistemas de relação, que refletem em sua maneira de ser, se comportar e fazer as coisas” (OLIVEIRA; BARBOSA, 2014, p. 86).

A aprendizagem empreendedora é, na visão de Filion e Lima (2010), um sistema relacional e intersubjetivo e o sistema empreendedor se compõe, entre outros elementos, de *intersubjetividades* heterogêneas. Os pesquisadores enfatizam que isso resulta em uma aprendizagem muito personalizada dos atores empreendedores. Nesse processo, a autoaprendizagem permite integrar, em um conjunto coerente, as diferentes subjetividades que influenciam seus pensamentos, sejam elas originárias de si mesmos ou de terceiros, e também para que o empreendedor se posicione e dialogue com outros buscando superar as diferenças de perspectiva e entendimento das coisas.

O pensamento projetivo e o conceito de visão de Filion (1999, 2004) são fundamentais na aprendizagem necessária para o indivíduo empreender as atividades projetadas. Além disso, o desenvolvimento e a manifestação do conceito de si, do espaço de si, da organização de si e da expressão empreendedora são muito ativadas ao longo de todo o processo empreendedor, na medida em que ocorrem as interações e relações entre atores empreendedores e o meio (FILION, LIMA, 2009, 2010). A figura a seguir ilustra essas interações.

Figura 2 – Interações incluindo espaço de si, conceito de si, resiliência, visões e atividades



Fonte: (FILION, LIMA, 2010, p. 41)

Essa figura faz uma síntese, sob forma de modelo, do processo de estabelecimento de um espaço psicológico individual ou espaço de si. Filion e Lima (2010) descrevem que cada indivíduo evolui, desde sua tenra idade, em um espaço de si recebido. Esse espaço apresenta características de componentes sociológicos e históricos da sociedade presentes no entorno de cada indivíduo. Porém, ele é influenciado sobretudo pelo sistema relacional e pelo meio de evolução imediato do sujeito: cultura, etnia, religião. O espaço de si recebido determina a formação do conceito de si do indivíduo. Em seguida, em função do contexto pessoal desejado e do seu saber tornar-se, o sujeito em vias de se tornar adulto revisa e constrói progressivamente um novo espaço psicológico que lhe será próprio. Muitos empreendedores, por exemplo, deixam o núcleo familiar, mudam de região e chegam inclusive a emigrar para conquistar um espaço que lhe permita evoluir ao seu modo, segundo seus desejos. Esse é um dos modos com que frequentemente um novo espaço é conquistado para permitir o desenvolvimento e a renovação do conceito de si ao longo de um processo de resiliência.

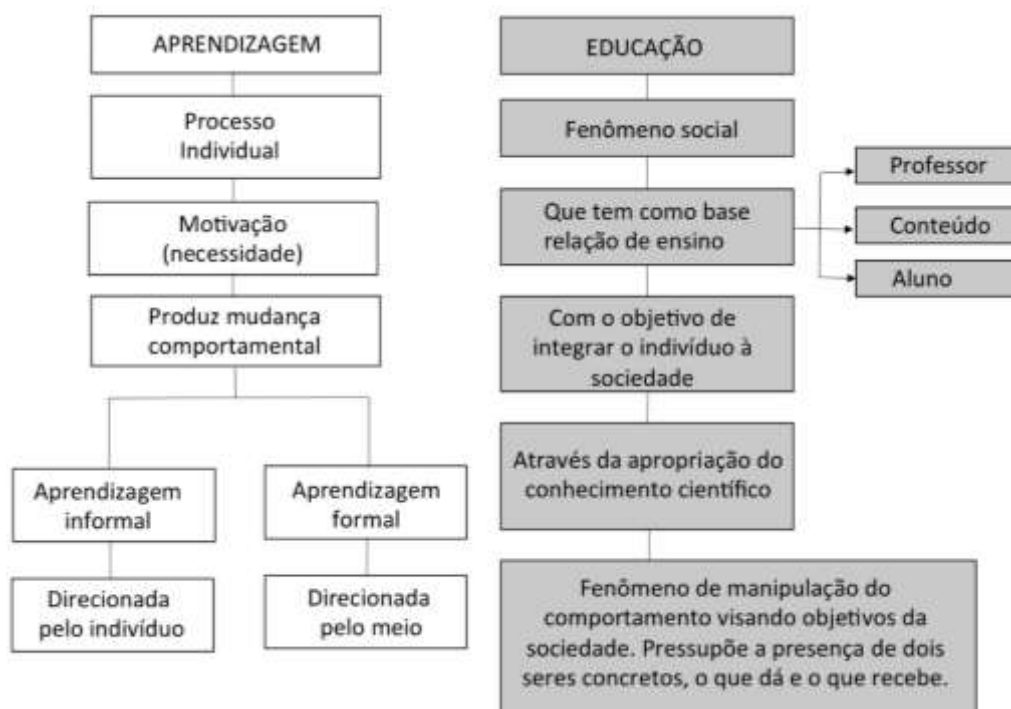
O novo espaço de si construído, complementam Filion e Lima (2010), determina a dimensão que poderá atingir o conceito de si. A intencionalidade, dependendo das necessidades e dos contextos, passa a condicionar o que é possível vislumbrar com as visões e a influenciar a aprendizagem requerida para se passar à ação. Essa passagem à ação demanda, para muitos empreendedores, a seleção de outras pessoas que facilitem o estabelecimento de um sistema de atividades empreendedoras. Geralmente, um ator empreendedor visionário precisa do auxílio de outros indivíduos para realizar suas visões. De modo circular, as atividades realizadas influenciam o processo de construção do espaço de si e do conceito de si, que evoluem em consequência (FILION, LIMA, 2010).

Como base no que foi descrito até agora, podemos compreender que a aprendizagem é um processo que ocorre de dentro para fora, relacionada à necessidade do sujeito de assimilar o que lhe é externo, acomodando ao que já lhe é conhecido, e assim construindo novos conhecimentos. A aprendizagem é um processo individual, embora possa ser facilitada pela

mediação com o ambiente e com os outros. Na visão de Santos (2004), o entendimento da aprendizagem como um processo intrínseco (de dentro para fora mediada pela ação externa), possibilita ao indivíduo compreender problemas não resolvidos e erros como motivadores, impulsos que o conduzem a concentrar forças mentais em um trabalho consciente, intensivo e duradouro para solucioná-los, ao mesmo tempo em que lhe possibilita descontração, ou seja, passar para uma outra atividade, mantendo a mente aberta para o novo. A autora complementa que a aprendizagem é movida por necessidades e produz mudança comportamental, podendo ser conduzida pelo indivíduo (aprendizagem informal) ou pelo meio (aprendizagem formal).

Santos (2004) também ressalta que a aprendizagem diferencia-se da educação, que é um fenômeno social, uma aprendizagem que ocorre de fora para dentro. A educação tem como base o processo de ensino-aprendizagem, que ocorre entre a figura do professor (que dá) e o aluno (que recebe), mediados pelo conteúdo. Enquanto fenômeno social e formal, a educação tem o objetivo de integrar o indivíduo à sociedade, através da sua apropriação de conhecimentos científicos e modificação e desenvolvimento de aspectos comportamentais. A figura a seguir ilustra as diferenças entre aprendizagem e educação.

Figura 3 – Diferenças entre aprendizagem e educação



Fonte: (SANTOS, 2004, p. 45)

Descritos os elementos que influenciam o processo de aprendizagem empreendedora, passe-se a seguir ao estudo das características da educação empreendedora.

3 As Especificidades da Educação Empreendedora.

Historicamente, os sistemas educacionais foram idealizados e modelados para formarem pessoas que venham a ocupar vagas em grandes organizações ou postos de trabalho em profissões técnicas específicas, ou atuar como profissionais liberais. Na visão de Malacarne, Brustein e Brito (2014), a consequência é que o atual sistema educacional, em vez de estimular o lado empreendedor dos alunos, acaba investindo na formação de profissionais que tenham o objetivo de buscar uma colocação em uma empresa ou profissão como especialista. “As

pessoas costumam ser educadas para serem empregadas, e estimular o empreendedorismo neste contexto é enfrentar resistências e conflitos neste processo de mudanças, o que gera impactos para a instituição, para os docentes e para os discentes” (MALACARNE; BRUSTEIN; BRITO, 2014, p. 29).

Além disso, o que se constata é que as universidades que buscam promover o empreendedorismo ainda o fazem exclusivamente focado na administração de negócios e tecnologia, isolando-o das demais disciplinas, como a psicologia, a sociologia, a educação, e demais áreas que se preocupam com o entendimento do comportamento humano (LORENTZ, 2015).

Como foi acenado anteriormente e será descrito a seguir, o ensino de empreendedorismo deve seguir uma nova metodologia, diferente da utilizada no ensino tradicional e própria à formação empreendedora. Dolabela e Fillion (2013) defendem uma mudança radical frente aos métodos tradicionais de ensino, que tendem a se concentrar na transferência de conhecimento, buscando uma aprendizagem centrada em pensar de forma independente e proativa.

Para explicitar as particularidades de cada proposta de ensino, Dolabela (2008) descreve as características da educação tradicional e da educação empreendedora, sintetizadas no quadro a seguir.

Quadro 1 – Diferentes entre a educação tradicional e a educação empreendedora

| Educação convencional | Educação empreendedora |
|---|---|
| Ênfase no conteúdo, que é visto como meta. | Ênfase no processo, aprender a aprender |
| Conduzido e dominado pelo instrutor | Apropriação do aprendizado pelo participante |
| O instrutor repassa o conhecimento | O instrutor como facilitador e educando; participantes geram conhecimento |
| Aquisição de informações “corretas” de uma vez por todas | O que se sabe pode mudar |
| Currículo e sessões fortemente programados | Sessões flexíveis e voltadas a necessidades |
| Objetivos do ensino impostos | Objetivos do aprendizado negociados |
| Prioridade para o desempenho | Prioridade para a autoimagem geradora do desempenho |
| Rejeição ao desenvolvimento de conjecturas e pensamento divergente | Conjecturas e pensamento divergente vistos como parte do processo criativo |
| Ênfase no pensamento analítico e linear; parte esquerda do cérebro | Envolvimento de todo o cérebro; aumento da racionalidade no lado esquerdo do cérebro por estratégias holísticas, não-lineares, intuitivas; ênfase na confluência e fusão dos dois processos |
| Conhecimento teórico e abstrato | Conhecimento teórico amplamente complementado por experimentos na sala de aula e fora dela |
| Resistência à influência da comunidade | Encorajamento à influência da comunidade |
| Ênfase no mundo exterior; experiência interior considerada imprópria ao ambiente escolar | Experiência interior é contexto para o aprendizado; sentimentos incorporados à ação |
| Educação encarada como necessidade social durante certo período de tempo, para firmar habilidades mínimas para um determinado papel | Educação vista como processo que dura toda a vida, relacionado apenas tangencialmente com a escola |
| Erros não aceitos | Erros como fonte de conhecimento |
| O conhecimento é o elo entre aluno e professor | Relacionamento humano entre professores e alunos é de fundamental importância |

Fonte: (DOLABELA, 2008, p. 153)

Henrique e Cunha (2008) também entendem que educação empreendedora não pode ser feita como nas demais disciplinas, devendo levar o aluno a estruturar contextos e compreender as várias etapas da sua evolução. Esse ensino deve ainda concentrar-se mais no



desenvolvimento do conhecimento e conceito em si e na aquisição de *know-how* do que na simples transmissão de conhecimento.

Dolabela e Filion (2013) ainda acrescentam que esse ambiente de aprendizagem deve estimular e desenvolver a confiança e a autoestima do estudante. Deve-se mergulhar o aluno em um sistema de aprendizagem onde haja uma relação coerente entre ele próprio e a sua realidade circunstante. Os autores ressaltam que uma educação empreendedora deve levar em conta o *background* cognitivo, emocional e social do estudante. A evolução dos alunos na formação da identidade deve ser gradual a fim de reduzir as tensões existentes entre os indivíduos e o seu mundo ao redor, de modo que os estudantes aumentem o nível de autoconfiança necessário à atividade empreendedora.

Mendes (2011) defende também que o empreendedorismo deveria ser tratado não como uma disciplina autônoma, como é verificado em grande partes das instituições de ensino, mas integrada nas restantes, uma vez que existem diversas questões inerentes a outros campos de investigação que são centrais no seu estudo. Nesse mesmo sentido, Tschá e Cruz Neto (2014) afirmam que a educação empreendedora não deve ser vista como uma disciplina isolada, e sim como um conjunto de ações por meio das quais os alunos são orientados a expandirem suas próprias ideias e que esse processo deveria ser estabelecido desde os primeiros períodos da graduação.

A universidade, portanto, ao se dispor a apostar na formação empreendedora, deve fazê-la de forma integrada, interdisciplinar, harmonizada e transversal. Guerra e Grazzotin (2010) enfatizam que o empreendedorismo não deve ser discutido apenas em disciplinas isoladas e tanto menos entre as quatro paredes da sala de aula. As autoras também sustentam que o empreendedorismo deve ser vivenciado com intensidade por todos, em todas as direções. O professor deve levar para a sala de aula a temática de modo integrado às outras disciplinas, à instituição e à comunidade. “Cabe a todos os professores a responsabilidade de fazer com que os alunos sejam estimulados a pensar e agir com uma mentalidade empreendedora. A sala de aula, cada vez mais, tem de se transformar em laboratório de conhecimento. O assunto empreendedorismo deve ser tratado em todos os cursos e em todos os níveis” (GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010, p. 83).

Lima et. al. (2015b) ressaltam que essa proposta de ensino permite aos estudantes se beneficiarem com o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades empreendedoras mesmo que não queiram ter um negócio próprio. Os autores evidenciam que a educação empreendedora estimula o pensamento criativo, a geração de inovações e o aumento do nível de autoestima e responsabilidade dos estudantes.

Para alcançar esse resultado, o Relatório do Estudo GUESSS Brasil (LIMA et. al., 2014b) aponta iniciativas através das quais as instituições de ensino superior e os estudantes podem contribuir de modo significativo na melhoria da educação empreendedora. Por exemplo, podem ser cultivados ambientes ricos em diversidade de experiência, de possibilidades de exploração de recursos pessoais e dirigidos à ampliação de horizontes e de perspectivas, focando não somente na geração de conhecimentos e habilidades específicos e na tradicional ênfase na preparação de futuros empregados. O relatório evidencia ainda que se mostra atrativo e promissor que os estudantes se empenhem na ampliação da variedade de carreiras que consideram para seu futuro, como ser criador de um negócio – com vista a lucro ou fins sociais –, empreendedor em uma profissão autônoma ou liberal, ou mesmo intraempreendedor ou empreendedor corporativo, que é um colaborador inovador e de iniciativa em uma organização pública ou privada. Isso ajudaria as instituições de ensino a cumprirem melhor seu papel e os estudantes a serem motores mais ativos do avanço social e econômico.

Lima et. al. (2014b) complementam que estudantes das mais variadas áreas podem desenvolver o interesse em ter seu próprio negócio, como um consultório dentário, uma firma de serviços de *personal trainer*, uma empresa de cuidados médicos em domicílio, enfermagem



ou fisioterapia, um comércio, ainda que informal. Além disso, tal interesse pode ser colocado em prática em qualquer momento da vida, próximo ou não da formatura dos estudantes. Os autores destacam que, em particular para esses estudantes que têm intenção empreendedora, mas também para aqueles que não pensam em empreender de modo individual, uma educação empreendedora tem muitos benefícios a oferecer. Essa proposta de ensino pode dar aos jovens uma melhor preparação para a carreira e o aumento do número de profissionais inovadores, proativos e de iniciativa, queiram eles ser empreendedores individuais, autônomos ou colaboradores (LIMA et. al., 2014b).

A prática das últimas décadas tem demonstrado, como ressalta Dolabela (2008), que é possível que qualquer pessoa aprenda a ser empreendedor. Mas tal aprendizado se desenvolve sob circunstâncias específicas. “O conhecimento empreendedor não é transferível, como temas acadêmicos convencionais, de quem sabe para quem não sabe. O que se pode fazer é desenvolver o potencial empreendedor presente na espécie humana” (DOLABELA, 2008, p. 14).

Investigando a situação atual da educação empreendedora no Brasil a fim de contribuir para a melhoria da sua qualidade, Lima et. al. (2014a) apontam algumas recomendações práticas para as instituições de ensino superior:

- as instituições de ensino não devem se limitar ao ensino de administração ou gestão de negócios, mas privilegiar o desenvolvimento de competências empreendedoras, independentemente de estarem ligadas ou não a um negócio;
- devem romper com os tradicionais modelos de ensino, fortemente vinculados a teorias e explorar novas técnicas, metodologias e ferramentas que permitam o estudante colocar em prática o seu aprendizado;
- devem explorar a interdisciplinaridade, a transversalidade e a diversidade no ambiente acadêmico inerente às características do ambiente universitário existente e do ecossistema local de negócios;
- devem estimular a formação de professores específicos, que possam conciliar a formação acadêmica com a experiência prática empreendedora;
- devem estar alinhadas com as principais iniciativas de fomento à atividade empreendedora da região em que se situam, integrando esforços e estabelecendo parcerias com o intuito de melhorar a formação empreendedora dos estudantes;
- devem equilibrar a quantidade de teoria, conceitos e definições acadêmicas tradicionais com o estímulo à prática empreendedora dos estudantes, por meio de atividades extracurriculares e laboratórios de experimentação.

Segundo Lima et. al. (2014a), essas recomendações, em linha com trabalhos de receptividade internacional, são potencialmente úteis para o trabalho de gestores, educadores e profissionais ligados à criação e melhoria de sistemas de ensino e àqueles empenhados no desenvolvimento da cultura empreendedora. Essas indicações podem auxiliar na ampliação do repertório de ações possíveis a serem adotadas por instituições de ensino superior em suas diretrizes pedagógicas, políticas de fomento e iniciativas de melhoria da educação em geral (LIMA, et. al., 2014a).

O desenvolvimento da mentalidade empreendedora, portanto, exige criatividade, o que requer, antes de tudo, uma educação que liberte (GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010). Mintzberg (2006) enfatiza o sentido que a educação deve ter na formação de uma mentalidade criativa: “Educação significa *mãos livres*, do contrário não será educação. Tem que fornecer algo diferente – ideias conceituais que são literalmente irrealistas e impraticáveis, pelo menos parecem ser assim quando vistas de modo convencional. As pessoas aprendem quando afastam



suas descrenças e passam a aceitar ideias desafiadoras que podem remodelar o seu pensamento. Educação é isso.” (MINTZBERG, 2006, p. 232).

Estudando a educação empreendedora nas universidades brasileiras, Guerra e Grazziotin (2010) destacam que com o empreendedorismo a educação passa a estar comprometida com as inovações e com os novos arranjos que a dinâmica do mundo contemporâneo demanda. Referenciando Mintzberg (2006), as autoras salientam que “uma mentalidade criativa se alcança por meio do equilíbrio entre a arte, a prática, e a ciência, de forma que se faça coexistir a organização, e a estruturação científicas com os processos de imaginação artística. É por intermédio desse diálogo entre a ordem científica e a liberdade criativa da arte que se buscarão novas perspectivas adequadas a uma educação empreendedora” (GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010, p. 75).

Descrevendo a natureza da educação empreendedora, Dolabela (2008) ressalta que, pela primeira vez na história, o que se aprende na escola é rapidamente superado pelo que se aprende fora dela. Em algumas áreas e setores, o conhecimento tecnológico é renovado em poucos anos. O autor destaca que não adianta mais acumular um “estoque” de conhecimentos, e sim é preciso que saibamos aprender, de modo autônomo e constante. É preciso, portanto, um processo de aprendizagem que induza ao contínuo aprender a aprender, que leve o estudante a proceder como faz o empreendedor na vida real: fazendo, errando, corrigindo rumos, criando.

Dolabela e Fillion (2013) também apontam essa característica de que os empreendedores são orientados para a ação. Poucas áreas ligadas à educação exigem tanta reflexão sobre as atividades de implementação e orientação à ação. Lopes (2010) também enfatiza o uso de metodologias de ensino que permitam o “aprender fazendo”, a fim de que o aluno se depare com eventos críticos que o forcem a pensar de maneira diferente, buscando saídas e alternativas, ou seja, aprendendo com experiência, aprendendo com o processo. Investigando referenciais para a educação empreendedora, a autora resgata propostas de aprendizagem orientadas para a ação: aprendizagem experiencial; aprendizagem pela ação; aprendizagem contextual (processo de construir o significado a partir da interação social e da experiência); aprendizagem centrada em problemas e aprendizagem cooperativa (trabalhar em grupos heterogêneos exercitando a liderança, a comunicação, a coesão de equipe etc.).

Em todas essas propostas existe a ênfase na ligação entre o processo de ensino e aprendizagem e o mundo real. Recursos, estratégias e contexto com os quais os estudantes se defrontam ou já se defrontam na vida criam uma aprendizagem significativa. A aprendizagem empreendedora, portanto, reforça os vínculos com o contexto do estudante, com a sua comunidade, com os empreendedores e seus negócios, com arranjos produtivos e todos que possam ser fontes de informação e de recursos para as atividades que serão realizadas (LOPES, 2010).

Outra característica da educação empreendedora é ser uma ação dialógica. Tschá e Cruz Neto (2014) explicam, se valendo de Freire (2002), que ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade, através do conhecimento, e o conhecimento é uma tarefa de sujeitos e não de objetos. “O ato de transformar sonhos em realidade e o papel que este ato representa na sociedade, envolve um constante refletir com todos os envolvidos ou que querem fazer parte do projeto sobre o posicionamento do ser em relação a questões sociais. Isto implica em questionar como o sonho a ser realizado pode mudar o mundo para melhorar e transformar realidades” (TSCHÁ; CRUZ NETO, 2014, p. 70).

A sala de aula se transforma assim em um ambiente em que os estudantes geram os conhecimentos que necessitarão para empreender, diferentemente do ensino convencional, em que o conhecimento é transmitido pelo professor. Cabe ao professor, nesse processo, formular perguntas, pois as respostas constituem o centro da tarefa empreendedora e serão construídas pelos alunos (DOLABELA, 2008). Na visão de Ribas (2011), o processo de aprendizado e sua aplicação para o empreendedor não podem ser defasados – aprender primeiro e aplicar depois



– mas sim interativo. Tampouco pode ser considerado definitivo – não se alcança o objetivo com um diploma – mas permanente. Por fim, o autor afirma que esse processo não pode ser estático, e sim dinâmico, em que o saber deve interagir continuamente com o fazer acontecer trazendo resultado prático para o empreendedor no seu cotidiano.

Essa noção de autodirecionamento na aprendizagem é baseada na abordagem humanista, cuja suposição fundamental é de que a educação deve ter seu foco no desenvolvimento do indivíduo. De Aquino (2007 *apud* LAVIERI, 2010) explicita que, em uma visão humanista, os estudantes são vistos de modo bem diferente daquele defendido por educadores mais tradicionais, isto é, de que seriam simplesmente recipientes vazios esperando para serem preenchidos com conhecimento. Desse modo, na aprendizagem autodirecionada, o objetivo da educação tem um foco maior no processo (desenvolvimento do pensamento crítico, crescimento como pessoa e cidadão) do que no conteúdo.

Lopes (2010) acrescenta que a metodologia e as técnicas pedagógicas devem escolhidas de forma a permitir que os alunos participem, sejam desafiados por problemas e situações semelhantes aos do mundo real ou do próprio contexto. Schaefer e Minello (2016) também explicitam que as diferentes características da educação tradicional e da educação empreendedora têm criado a necessidade de se desenvolverem modelos pedagógicos apropriados à formação empreendedora e compatíveis com as habilidades e as atitudes próprias do indivíduo empreendedor.

Investigando a situação da educação empreendedoras nas universidades brasileiras, Lima et. al. (2014a) elencam sugestões e contribuições que englobam os aspectos metodológicos da educação empreendedora (LIMA et. al., 2014a, p. 142-144):

- uso e estudo de *cases* e histórias de fracasso para se conhecer melhor o fato de que em empreendedorismo errar é natural e, de certa forma, até desejável como forma de aprendizado;
- uso da mídia como meio de aprendizagem com casos reais, complementados com conceitos fundamentais que explicam as histórias de sucesso (ou de fracasso) apresentados nos *cases*;
- entendimento de que o empreendedorismo nem deveria ser uma disciplina, mas uma competência a ser desenvolvida de forma transversal ao longo de todas as disciplinas;
- premissa de que a própria universidade deve ser mais empreendedora, proativa e inovadora, desenvolvendo uma cultura empreendedora;
- maior contato e interação dos alunos com empreendedores reais, por meio de programas de mentoria, estudos de caso, palestras, estágios etc.;
- interação com empresas para o desenvolvimento de casos em que os alunos possam aplicar o que for aprendido em sala de aula em situações e problemas reais;
- oportunidades para os alunos desenvolverem suas ideias de negócio em ambientes protegidos, como laboratórios de *co-working*, onde possam experimentar, errar e aprender com a prática;
- incentivo para que professores possam dedicar um tempo fora de sala de aula atuando como *coach* de alunos que estão empreendendo;
- participação em atividades extracurriculares, como competições de negócios e de inovação, empresas juniores, projetos sociais, associações de estudantes e eventos que aproximem mais o aluno do universo empreendedor.

Schaefer e Minello (2016), ao realizarem uma revisão da literatura sobre o tema, também reúnem instrumentos e práticas didático-pedagógicas que têm sido utilizados para a educação empreendedora. Os autores destacam que projetos e atividades extracurriculares, que ocorrem fora da sala de aula e de modo complementar, podem ser enriquecedores e produtivos na

formação empreendedora, tais como: empresas juniores; incubadoras de empresas e parque tecnológicos; células empreendedoras, clubes de empreendedorismo e centros de empreendedorismo; eventos com o intuito de desenvolver o empreendedorismo e competições internas e externas de planos de negócios e práticas empreendedoras; parceiras de ensino com empreendedores, como os arranjos produtivos, cooperativas, pequenas associações de produtores e organizações do terceiro setor; transferências de tecnologia para as empresas, uso de fundos disponíveis para pesquisas e programas de mentoria.

Rocha e Freitas (2014) destacam que a variedade de opções pedagógicas existentes para a formação empreendedora requerem modelos de ensino que permitam ao aluno desenvolver as habilidades e técnicas por meio de experiências práticas durante a sua aprendizagem. Os autores também elencam métodos, técnicas e recursos pedagógicos, e suas respectivas aplicações, reproduzidos no quadro a seguir.

Quadro 2 – Métodos, Técnicas e Recursos Pedagógicos para a Educação Empreendedora

| Métodos, técnicas e recursos | Aplicações |
|---|--|
| Aulas expositivas | Transferir conhecimentos sobre o empreendedorismo, as características pessoais do empreendedor, os processos de inovação, fontes de recursos, financiamentos e aspectos legais de pequenas empresas. |
| Visitas e contatos com empresas | Estimular o <i>network</i> e incitar o estudante a sair dos limites da instituições de ensino superior para entender o funcionamento de mercado na vida real. Desenvolver visão de mercado. |
| Plano de negócios | Desenvolver as habilidades de planejamento, estratégia, marketing, contabilidade, recursos humanos, comercialização. Desenvolver a habilidade de avaliação do novo negócio, analisando o impacto da inovação no novo produto ou serviço. Construir habilidade de avaliar e dimensionar riscos do negócio pretendido. |
| Estudos de casos | Construção da habilidade de pensamento crítico e de avaliação de cenários e negócios. Desenvolver a habilidade de interpretação e definição de contextos associados ao empreendedorismo. |
| Trabalhos teóricos em grupo | Construção da habilidade de aprender coletivamente. Desenvolver a habilidade de pesquisar, dialogar, integrar e construir conhecimentos, buscar soluções e emitir juízos de valor na realização do documento escrito. |
| Trabalhos práticos em grupo | Construção da habilidade de atuar em equipe. Desenvolver a habilidade de planejar, dividir e executar tarefas em grupo, de passar e receber críticas construtivas. Ampliar a integração entre o saber e o fazer. |
| Grupos de discussão | Desenvolver a habilidade de testar novas ideias. Desenvolver a capacidade de avaliar mudanças e prospectá-las como fonte de oportunidades. |
| <i>Brainstorming</i> | Construção da habilidade de concepção de ideias, prospecção de oportunidades, reconhecendo-as como oportunidades empreendedoras. Estimular o raciocínio intuitivo para criação de novas combinações de serviços ou produtos, transformando-as em inovações. |
| Seminários e palestras com empreendedores | Transferir conhecimentos das experiências vividas por empreendedores desde a percepção e criação do produto, abertura do negócio, sucessos e fracassos ocorridos na trajetória empreendedora. |
| Criação de empresa | Transpor as informações do plano de negócios e estruturar os contextos necessários para a formalização. Compreender várias etapas da evolução da empresa. Desenvolver a habilidade de organização e planejamento operacional. |
| Aplicação de provas dissertativas | Testar os conhecimentos teóricos dos estudantes e sua habilidade de comunicação escrita. |



| | |
|----------------------------------|---|
| Atendimento individualizado | Desenvolver a habilidade de comunicação, interpretação, iniciativa e resolubilidade. Aproximar o estudante do cotidiano real vivido nos pequenos negócios. |
| Trabalhos teóricos individuais | Construção da habilidade de geração de conhecimento individualizado, estimulando a autoaprendizagem. Induzir o processo de autoaprendizagem. |
| Trabalhos práticos individuais | Construção da habilidade da aplicação dos conhecimentos teóricos individuais, estimulando a autoaprendizagem. Estimular a capacidade laboral e de autorrealização. |
| Criação de produto | Desenvolver habilidade de criatividade, persistência, inovação e senso de avaliação. |
| Filmes e vídeos | Desenvolver a habilidade do pensamento crítico e analítico, associando o contexto assistido com o conhecimento teórico. Estimular a discussão em grupo e o debate de ideias. |
| Jogos de empresas e simulações | Desenvolver a habilidade de criar estratégias de negócios, solucionar problemas, trabalhar e tomar decisões sob pressão. Aprender pelos próprios erros. Desenvolver tolerância ao risco, pensamento analítico, comunicação intra e intergrupais. |
| Sugestão de leituras | Prover ao estudante teoria e conceitos sobre o Empreendedorismo. Aumentar a conscientização do ato empreendedor. |
| Incubadoras | Proporcionar ao estudante espaço de motivação e criação da nova empresa, desenvolvendo múltiplas competências, tais como habilidades de liderança, organizacionais, tomada de decisão e compreender as etapas do ciclo de vida das empresas. Estimular o fortalecimento da <i>network</i> com financiadores, fornecedores e clientes. |
| Competição de planos de negócios | Desenvolver habilidades de comunicação, persuasão e estratégia. Desenvolver capacidade de observação, percepção e aplicação de melhorias no padrão de qualidade dos planos apresentados. Estimular a abertura de empresas mediante os planos vencedores. |

Fonte: (ROCHA; FREITAS, 2014, p. 469)

A figura 4 sintetiza e relaciona, de modo esquemático, as principais características e especificidades da aprendizagem e educação empreendedoras descritas ao longo do artigo.

Como descrito ao longo do trabalho e explicitado graficamente na figura anterior, a educação empreendedoras possui especificidades que a diferem da educação tradicional. Para se desenvolver o “saber ser”, o “aprender a aprender”, o “saber tornar-se” e o “saber passar à ação”, próprios do indivíduo empreendedor, são necessárias novas formas de relação e interação dos elementos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, a compreensão da natureza empreendedora e de como se manifesta o ser empreendedor pode nortear as ações a serem realizadas com o propósito de se criar ambientes educacionais que desenvolvam sujeitos empreendedores.

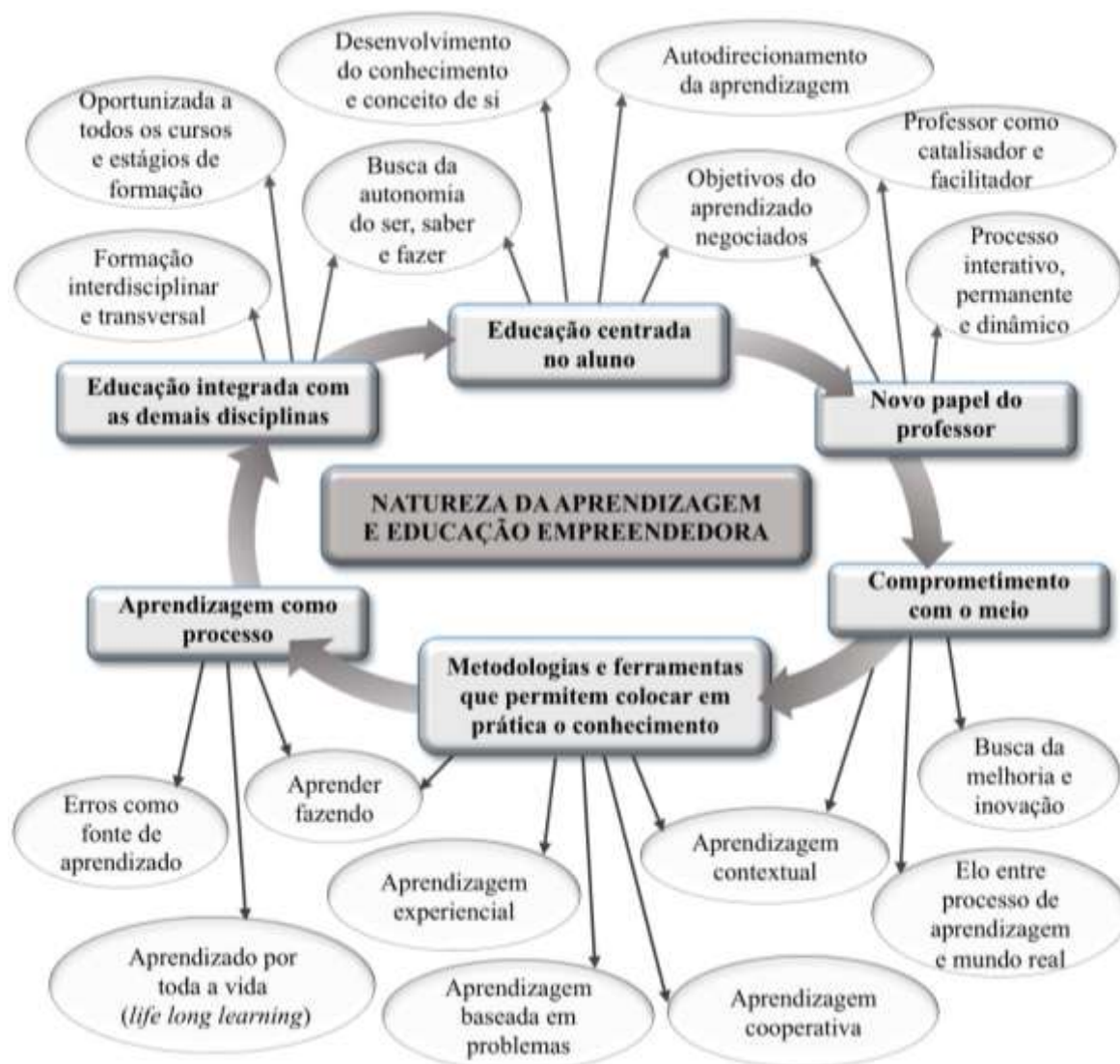
4 Considerações Finais

A educação empreendedora percorreu um longo caminho nos últimos anos e se disseminou em práticas pedagógicas, disciplinas e programas de formação, porém, como visto ao longo do artigo, as pesquisas sobre a temática ainda necessitam de mais investigações teóricas e empíricas. Nas últimas décadas, os estudos sobre “empreendedorismo” avançaram bastante em termos de visibilidade e importância, porém o tema da “educação empreendedora” ainda carece de uma discussão mais embasada e sólida, que auxilie no seu amadurecimento e norteamto, e estimule a sua disseminação de forma mais ampla e eficaz.

Há uma necessidade de se analisar melhor o que é a educação empreendedora, buscando compreensões em relação a questionamentos como: Como os empreendedores aprendem? Como a capacidade empreendedora se desenvolve? O que ensinar? De que forma? Como potencializar e facilitar essas aprendizagens? Quais técnicas e estratégias pedagógicas são as

mais adequadas para o contexto brasileiro? Como adotá-las com eficiência nas instituições de ensino superior? (LOPES, 2010; LIMA et. al., 2014b; LIMA et. al., 2015b).

Figura 4 – Principais características e relações da aprendizagem e educação empreendedoras



Fonte: elaborada pelos autores.

Respostas a tais questionamentos e uma maior compreensão sobre esse processo permitirão indicar como formatar instrumentos, práticas didático-pedagógicas e atividades condutoras à educação de indivíduos empreendedores. Demonstra-se assim promissora a busca de maneiras de aperfeiçoamento da educação empreendedora de qualidade no ensino superior, particularmente no contexto brasileiro, haja vista a demonstrada influência que a disseminação da cultura empreendedora e seus resultados exercem no desenvolvimento social e econômico de uma nação.

Referências Bibliográficas

BARINI FILHO, U. **Transmissão da competência empreendedora: um estudo de casos múltiplos.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, 2008. São Paulo, 2008. 157 p.

Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.11, n.3 p. 2-20, 2017
 ISSN 1982-2537

COPE, J. Entrepreneurial learning from failure: An interpretative phenomenological analysis. **Journal of Business Venturing**. [S.l.], v. 26, p. 604-623, 2011.

DOLABELA, F. **Empreendedorismo, uma forma de ser**: saiba o que são empreendedores individuais e coletivos. Brasília: Agência de Educação para o Desenvolvimento, 2003.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DOLABELA, F.; FILION, L. J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.3, n.2, p. 134-181, 2013.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5-26, abril/junho 1999.

FILION, L. J. Entendendo os Intraempreendedores como Visionistas. **Revista de Negócios**, v. 9, n. 2, p. 65-80, 2004.

FILION, L. J. LIMA, E. As representações empreendedoras: importantes temas para avançar em seus estudos. **Revista de Negócios**, Blumenau, v15, n.2, p.32 - 52, Abril/Junho 2010.

FILION, L. J. LIMA, E. As representações empreendedoras: um tema essencial, mas ainda negligenciado. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 14, n. 2 p. 89-107, abril/junho 2009.

FILION, L. J.; DOLABELA, F. The making of a revolution in Brazil: the introduction of entrepreneurial pedagogy in the early stages of education. In.: FAYOLLE, A. (Ed.) **Handbook of Research in Entrepreneurship Education**, Volume 2, Cheltenham, UK/ Northampton, MA, USA, Edward Elgar: p. 13-39. 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GUERRA, M. J.; GRAZZIOTIN, Z. J. Educação empreendedora nas universidades brasileiras. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

HENRIQUE, D. C.; CUNHA, S. K. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 5, p. 112-136, 2008.

LANERO, A.; VÁZQUEZ, J. L.; GUTIÉRREZ, P.; GARCÍA, M. P. The impact of entrepreneurship education in European universities: an intention-based approach analyzed in the Spanish area. **International Review on Public and Non-Profit Marketing**, v. 8, n. 2, p. 111-130., 2011.

LAVIERI, C. Educação...empreendedora? In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

LEIVA, J. C.; MONGE, R.; ALEGRE, J. The Influence of Entrepreneurial Learning in New Firms' Performance: A Study in Costa Rica. **Innovar**, v.24, N. Especial, pp.129-140, 2014.

LIMA, E., NASSIF, V. M. J., LOPES, R. M. A., SILVA, D. **Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes – Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2013-2014**. Grupo APOE – Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA-UNINOVE. Caderno de pesquisa, n. 2014-03. São Paulo: Grupo APOE. 2014b.

LIMA, E.; HASHIMOTO, M.; MELHADO, J.; ROCHA, R. Brasil: em busca de uma educação superior em empreendedorismo de qualidade. In: In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014a.

LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Opportunities to improve entrepreneurship education: contributions considering Brazilian Challenges. **Journal of Small Business Management**, v.53, n. 4, p. 1033–105, 2015^a

LIMA, E.; LOPES, R. M. A.; NASSIF, V. M. J.; SILVA, D. Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, art. 1, pp. 419-439, Jul./Ago. 2015b

LOPES, R. M. A. Referenciais para a educação empreendedora. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

LOPES, R. M. A.; TEIXEIRA, M. A. A. Educação empreendedora no ensino fundamental. In: LOPES, R. M. A. (Org.). **Educação empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier: São Paulo: SEBRAE, 2010.

MALACARNE, R.; BRUSTEIN, J.; BRITO, M. D. Formação de técnicos agropecuários empreendedores: o caso do IFES e sua participação na OBAP. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

MENDES, M. T. T. **Educação Empreendedora: uma visão holística do empreendedorismo na educação**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Educação e Psicologia. Lisboa, 2011. 288 p.

MINELLO, I. F. **Resiliência e insucesso empresarial: o comportamento do empreendedor**. Curitiba: Appris, 2014, 288 p.

MINTZBERG, H. **MBA, não, obrigado!** Porto Alegre: Bookman, 2006.

OLIVEIRA, J.; BARBOSA, M. L. Processo de seleção de pré-incubação: sob a batuta da subjetividade. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

POLITIS, D. The process of entrepreneurial learning: a conceptual framework. **Entrepreneurship Theory and Practice**, p. 399-424, 2005.

RAMOS, J. L. G. **Aprendizagem empreendedora diante do insucesso empresarial: uma** **Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista, v.11, n.3 p. 2-20, 2017**
ISSN 1982-2537

perspectiva de empreendedores brasileiros e uruguaios que vivenciaram o fracasso empresarial. 195 p. Dissertação de Mestrado. PPGA – UFSM 2015.

RIBAS, R. **O saber empreendedor**: diretrizes curriculares para elaboração de programas para formação de empreendedores com base na Escola Progressiva de John Dewey – reflexão e proposta. São Paulo / Raul Ribas – 2011. 172 f. Tese para obtenção de título de Doutor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 2011.

ROCHA, E. L. C. **A influência da participação em atividades educacionais de formação em empreendedorismo no perfil empreendedor de estudantes de administração de empresa**. Dissertação de Mestrado em Administração – Centro de Estudos Sociais Aplicados. Universidade Estadual do Ceará. 97 p. 2012.

ROCHA, E. L. C., FREITAS, A. A. F. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. **RAC**, Rio de Janeiro, v.18, n. 4, art. 5, pp. 465-486, Jul. /Ago. 2014.

SANTOS, M. S. **Método para investigação do comportamento empreendedor**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2004.

SCHAEFER, R.; MINELLO, I. F. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, pp. 60-81, jul./set. 2016.

TSCHÁ, E. R.; CRUZ NETO, G.G. Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas, e carreiras: o caso das células empreendedoras. In: GIMENEZ, F. A. P. et. al. (org.) **Educação para o empreendedorismo**. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR, 2014.

UNCTAD Secretariat (2011). “**Entrepreneurship Education, Innovation and Capacity-Building in Developing Countries**,” United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), Geneva. http://unctad.org/en/docs/ciimem1d9_en.pdf. Accessed on June 10, 2012.

UNCTAD Secretariat (2015). “**Division on Investment and Enterprise: Results and Impact – Report 2015**,” United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), Geneva. http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/diae2015d1_en.pdf. Acessado em: 01 de junho de 2016.